

O ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO SOB AS LENTE DAS RESISTÊNCIAS*

THE TEACHING OF HOLOCAUST HISTORY THROUGH THE LENSES OF RESISTANCE

Submissão:
19/10/2023
Aceite:
28/12/2023

Karina Kosicki Bellotti¹  <https://orcid.org/0000-0002-5353-8432>
Gustavo Muhlstedet Carrico²  <https://orcid.org/0009-0008-8775-4732>
Calebe Silva Vidal³  <https://orcid.org/0009-0003-0162-5264>
Nadia Gaiofatto Gonçalves⁴  <https://orcid.org/0000-0002-9375-8659>

Resumo

No ano de 2021, as atividades do projeto de extensão Ensino de História: diálogos e possibilidades abrangeram a construção de proposições didáticas que envolvem o ensino de História ligado ao tema do Holocausto. Uma das questões trabalhadas se relaciona às resistências naquele contexto. A importância do ensino deste tema reflete na formação de um elemento ético em sala de aula, trabalhando a consciência histórica dos educandos e educandas de modo que se responsabilizem por seu mundo observando o passado, que é constituinte do presente e, por sua vez, condiciona o futuro. Neste artigo, serão apresentados dois roteiros didáticos desenvolvidos sobre esta temática. Eles envolvem atividades e fontes sobre o nazifascismo e o Holocausto, em consonância com discussões sobre formas de resistências e sua importância para a constituição da realidade. Busca-se articular o global e o local, por meio de fontes como as referentes à narrativa de Marian Grynbaum, que participou da resistência armada ao nazifascismo e, posteriormente, viveu em Curitiba. Ademais, se abordará de que outras formas a resistência foi - e continua sendo - exercida, como no âmbito cultural. Para isso, foram utilizadas canções produzidas em campos de concentração, guetos e acampamentos de partisanos nas décadas de 1930 e 1940.

Palavras-chave: Ensino de História; Resistências; Holocausto.

* Trabalho desenvolvido com apoio financeiro de bolsas de extensão da Universidade Federal do Paraná.

¹ Docente do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná - UFPR karinabellotti@ufpr.br

² Graduando em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR gustavocarrico72@gmail.com

³ Graduando em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR calebe.silvavidal@gmail.com

⁴ Docente do Departamento de Teoria e Prática de Ensino da Universidade Federal do Paraná - UFPR nadiagg@ufpr.br

Abstract

In the year of 2021, the activities of the “History Teaching: dialogues and possibilities” extension project involved the making of didactic propositions that covered the History teaching linked to the Holocaust theme. One of the issues addressed relates to resistance in that context. The importance of teaching this subject reflects on the development of an ethical element in the classroom, working on the historical consciousness of the students, so that they take responsibility for the world by observing the past, which is constituent of the present and, in turn, conditions the future. In this article, two didactic scripts developed on this theme will be presented. They involve activities and historical sources about nazifascism and the Holocaust, in line with discussions on forms of resistance and their importance for the constitution of reality. The aim is to articulate the global and the local through sources such as those related to the narrative of Marian Grynbaum, who participated in the armed resistance against nazifascism and, later in his life, lived in Curitiba. Furthermore, it will be discussed how other forms of resistance were - and continue to be - exercised, such as in the cultural sphere. For this purpose, songs produced in concentration camps, ghettos, and partisan camps in the 1930s and 1940s were used.

Keywords: History teaching; Resistance; Holocaust.

Introdução

O Holocausto foi um trauma para a humanidade. Caracterizou aquilo que Rüsen (2009) chamaria de “crise catastrófica”, uma suspensão brutal da normalidade, imenso desafio que destrói o potencial interpretativo da consciência histórica. A partir deste genocídio contra judeus e outros grupos sociais, tornou-se muito conveniente, podendo até mesmo se tratar de uma consequência da falta de capacidade de compreensão deste fenômeno, a explicação na qual afirma-se que “Adolf Hitler era louco”, algo que permeia a consciência histórica de muitas pessoas desde antes da Segunda Guerra Mundial, presente, inclusive, em representações audiovisuais que ridicularizam o líder nazifascista. O educador e a educadora têm, a partir daí, um papel e um desafio: trabalhar em sala de aula o tema do nazifascismo e do Holocausto, contribuindo para o pensar crítico acerca deste tema e para a formação de um elemento ético, e fazê-lo de relacionando isso com as vivências dos/as estudantes, promovendo operações em sua consciência histórica, estabelecendo um diálogo entre o local e o global.

Uma forma pensada para atingir este objetivo, o que gerou dois planos didáticos dentro do projeto de extensão *Ensino de História: diálogos e possibilidades*, envolve a articulação da história local e das resistências no contexto do Holocausto com o uso de fontes históricas, a fim de despertar a curiosidade epistemológica dos/as estudantes. Tais planos encontram-se no *Dossiê Didático Ensino de História: ensino sobre o Holocausto*, publicado em agosto de 2023 pelo Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná - UFPR em parceria com o Museu do Holocausto de Curitiba¹.

¹ Disponível em: <https://educacao.ufpr.br/ensinodehistoria/wp-content/uploads/sites/15/2023/08/dossie-didatico-ensino-de-historia_comprimido.pdf>.

Especificamente quanto ao ensino de História, Rüsen estabelece que a consciência histórica “[...] é uma categoria geral que não apenas tem relação com o aprendizado e o ensino de história, mas cobre todas as formas de pensamento histórico; através dela se experiencia o passado e se o interpreta como história”. (RÜSEN, 2010, p. 36). Esta consciência permite que se possa compreender o passado em suas interrelações com o presente e, desta forma, perspectivar o futuro. Para o autor, todos os seres humanos têm uma consciência histórica baseada nas referências de sua experiência existencial, o que fornece formas de interpretar a realidade e orientar sua vida prática. Seu desenvolvimento não se limita à educação formal, embora esta possa ter um papel importante neste processo. As propostas didáticas desenvolvidas focam na agência histórica e buscam colaborar com a percepção de que participações e omissões contribuem para a constituição do presente e para a construção do futuro. Assim, destaca-se uma perspectiva fundamental para a formação de cidadania.

Na obra *Humanismo e Didática da História* (2015), Rüsen propõe que a consciência histórica deve ser formada na direção de valores humanistas e afirma que ela “Sintetiza as experiências do passado com os critérios de sentido que são eficazes na vida prática contemporânea e nas perspectivas de orientação de ação em direção ao futuro.” (RÜSEN, 2015, p. 23). O autor ainda destaca alguns desafios contemporâneos que perpassam as demandas atuais para o ensino, como a insegurança crescente da identidade histórica, as pressões da diversidade cultural, a ameaça sobre a natureza e a relação com as mídias (RÜSEN, 2015, p. 20). Para lidar com estes e outros desafios, o Novo Humanismo é por ele compreendido como:

Um recurso fundamental e uma referência para a natureza cultural dos humanos na orientação da vida humana, bem como um alinhamento desta com o princípio da dignidade humana. Suas dimensões empíricas e suas normativas são universais. Ele inclui a unidade da humanidade, bem como sua manifestação de várias formas de vida e as mudanças culturais. Ele temporaliza a humanidade num conceito abrangente da história universal, dentro do qual toda forma de vida na sua individualidade é hermeneuticamente reconhecida. Politicamente, fundamenta a legitimidade da dominação e poder sob a égide dos direitos humanos e civis fundamentais. Compreende a subjetividade humana como um processo de auto cultivo, de acordo com a dignidade inerente de todos os seres humanos no espaço e no tempo. Portanto, o humanismo tem sempre um forte impacto didático. (RÜSEN, 2015, p. 25).

Por meio das problematizações apresentadas nos roteiros produzidos, buscou-se mobilizar estes conceitos em sala de aula, através do ensino de História do Holocausto.

Diálogos e possibilidades envolvendo o Holocausto pelas lentes das resistências e da história local

No plano didático intitulado *Holocausto e Resistências*, se propôs o ensino da História do Holocausto partindo de provocações e do uso de fontes da história local, além de uma contextualização acerca do nazifascismo na Europa e suas repercussões no Brasil. Primeiramente, discussões partindo do que se trata o Holocausto, o nazismo e o fascismo para os/as estudantes podem ser realizadas, fornecendo bases para o educador e a educadora trabalharem o tema de forma dialógica, sem deixar de levar em conta as concepções dos/as estudantes.

Segundo Paxton (2007), o fascismo se apoia, dentre outros fatores, numa base de massas, no messianismo, no ultranacionalismo e no conspiracionismo direcionado contra a degeneração cultural promovida por um inimigo (bode expiatório). Envolve sentimentos ardentes, surgindo em momentos

de crise e ressentimento, assumindo a vestimenta de solução para os problemas de uma nação. A noção de democracia é corrompida, líder forte vira sinônimo de povo forte. Na Alemanha, o nazifascismo foi ganhando espaço de forma descontrolada e chegou à razão de Estado com o apoio de grande parte da população, com os grupos alvo de sua ideologia sendo cada vez mais desprezados e atacados como causadores de todos os males. Os ideólogos nazistas souberam manipular certas visões da história, manipulando a consciência histórica de muitas pessoas, de modo a favorecer seus interesses. A figura do judeu, em especial, e de outros grupos foi construída como aquela que é o total oposto dos “arianos”: “degenerados” biologicamente e culturalmente. O projeto de eliminação desta população e outros grupos perseguidos é intensificado com o passar do tempo. Entretanto, à medida que se expandia o nazismo, através da invasão a países da Europa, respondendo a questões oriundas da Primeira Guerra Mundial e buscando o “espaço vital”, a resistência à ocupação alemã também aumentava.

O que é resistência?

No *Dicionário de Política*, o verbete “resistência” aponta para todos os movimentos ou diferentes formas de oposição que se deram na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, contra a ocupação alemã e italiana. Surge como fenômeno espontâneo, de um ato voluntário ou da conscientização de indivíduos e pequenos grupos, dispostos a rebelar-se e a não aceitar a ocupação, de forma ativa ou passiva.

A resistência ativa é diferente da passiva: enquanto esta se limita a não colaboração, a sabotar passivamente, nos ministérios e nas fábricas, as iniciativas do inimigo, aquela o ataca com o fim de o desmoralizar, estando a sua máxima manifestação na guerrilha, de características diversas, conforme se desenvolva na montanha, na planície ou na cidade. A resistência ativa faz obra de propaganda por meio da imprensa clandestina, organiza greves, sabota a economia que trabalha para o ocupante, desenvolve atividades de espionagem ao serviço dos aliados, comete atentados tanto contra os alemães como contra os colaboracionistas, tenta destruir as infraestruturas logísticas do inimigo, cria focos de resistência para comprometer e desviar, portanto, da frente as tropas alemães. (MATTEUCCI, 2004, p. 1115).

Para além da resistência ativa ou passiva, em reação às forças invasoras e numa luta de libertação contra a dominação territorial e econômica, a resistência assumiu a face de uma luta contra um domínio ideológico e contra a desumanização. A força de reação à violenta opressão de um grupo dominante está presente naqueles e naquelas que não aceitaram o regime que lhes era imposto. Seja através da reação armada, da solidariedade a grupos perseguidos ou da própria resiliência em manterem-se vivos e vivas e manter suas crenças, convicções e identidades.

A narrativa de Marian Grynbaum como abertura para possibilidades didáticas

Marian Grynbaum foi sobrevivente e resistente no contexto do Holocausto. Judeu, participou de um grupo de *partisans* chamado *Armia Ludowa*. Os *partisans* foram grupos paramilitares de pessoas comuns que atuaram, dentre outros contextos, na resistência ao nazismo e se refugiavam em bosques, montanhas e pântanos por toda a Europa. Lá, sabotou atividades nazistas, participou da resistência armada e, organizado em seu grupo, sobreviveu e contribuiu para a sobrevivência. Após o fim da guerra, vem ao Brasil, onde passa o resto de sua vida, falecendo em 2004. Era proprietário

de uma loja no centro de Curitiba, cuja fachada compôs a paisagem da Rua Riachuelo. Foi sogro do fundador do Museu do Holocausto de Curitiba, importante instituição para, dentre outros fatores, a preservação da memória de sobreviventes do Holocausto.

Figura 1 - *Partisans Armia Ludowa* (Marian é o terceiro da esquerda para a direita).



Fonte: Acervo do Museu do Holocausto de Curitiba

Apresentar sua narrativa, utilizando fontes imagéticas e dialogando com questões antes levantadas, pode abrir a possibilidade de discussão acerca de outras formas de resistência. Podem ser abordadas, a partir disso, as resistências de outras pessoas e grupos de pessoas que buscaram sobreviver e se ajudar, como Anne Frank, sua família e outras pessoas conhecidas, que juntas se esconderam da polícia política alemã (*Gestapo*) e buscaram proteger umas às outras. Além disso, o papel daquelas pessoas que foram solidárias e participaram do processo de resistência também pode ser abordado. Resistência é um movimento direcionado contra a violência oriunda de uma relação desigual de poder e que pode ser executada por qualquer pessoa, por necessidade, frente à situação de opressão, ou por solidariedade e empatia. Luiz Martins de Souza Dantas e Aracy de Carvalho, por exemplo, foram brasileiros que ajudaram a salvar muitas vidas naquele contexto. Também pode haver um diálogo com a situação no Brasil, onde o integralismo e o nazismo ganhavam espaço e houve resistência à expansão destes movimentos. Por fim, pode ser analisado o papel da resistência cultural no contexto do Holocausto e até mesmo na atualidade.

A resistência cultural

O esforço nazifascista na Alemanha durante o século XX tratou não só da violência física contra os grupos oprimidos, como judeus, homossexuais, comunistas, ciganos ou negros, mas também trabalhava no sentido de desumanizar aqueles indivíduos, transformando-os em algo inferior à ideia

de pessoa. Neste sentido, a cultura entra como uma arma de resistência, possibilitando um enfrentamento moral à esta ofensiva. Como escreveria o sobrevivente Viktor Frankel: “Os judeus queriam declarar sua humanidade diante de um mundo totalmente desumano.” (LERNER, 2017). Segundo Laquer, a cultura servia como um suporte para os habitantes dos guetos contra os efeitos maléficos do materialismo (2001, p. 252). Munindo as vítimas de esperança e, até mesmo, de motivos para viver. A busca por sentido permitiu a manutenção física e moral daqueles oprimidos pelos nazistas. O segundo plano didático, intitulado *Cultura, Música e Resistência no Holocausto*, trata disso.

A importância social e política destes movimentos pode ser percebida pela própria proibição destas atividades pelos nazistas em diversos guetos e campos de concentração, como o de *Börgermoor*, na Alemanha. A própria produção artístico-cultural tornava-se, então, passível de morte, uma vez que os nazistas percebiam a importância destes movimentos para a sobrevivência daquelas pessoas. Eram focadas as atividades que possuíssem cunho político ou subversivo. É necessário, também, destacar que a resistência artístico-cultural não é, absolutamente, concorrente ou contraditória ao esforço armado e mais diretamente político. Pelo contrário, os dois possuem uma relação íntima e mutualística. Como diria Viktor Frankl, “Quem tem um porquê, enfrenta qualquer como.” (LERNER, 2017, p. 35). Como exemplo destes movimentos, podemos tomar o Levante do Gueto de Varsóvia em 1943 ou os movimentos no Gueto de Vilna, na Estônia. Estes movimentos subversivos cresceram e floresceram em ambientes com grande presença de grupos artísticos e musicais.

Para além disso, a cultura ataca outros malefícios, não só do Holocausto, mas de momentos históricos traumáticos como um todo, frente à incapacidade de compreender estes fenômenos plenamente, dando conta da extensão de seus horrores e de seus danos, através, somente, de uma linguagem acadêmica e/ou objetiva. A cultura, reificada na música ou na poesia, por exemplo, é capaz de “[...] deixar o testemunho do indizível, do desumano e do inacreditável.” (LERNER, 2017). Desta forma, permite que se reflita a História através de uma compreensão aprofundada dos fenômenos, respeitando e constituindo uma memória histórica que aprofunde e dimensione as questões de uma maneira mais próxima da realidade. Como afirmara Bruno Bettelheim, sobrevivente do Holocausto: “O que não pode ser falado também não pode ter descanso. E quando isso acontece, as feridas continuam a sangrar de geração em geração.” (BETTELHEIM *apud* LERNER, 2017, p. 17).

A música como forma de resistência no contexto do Holocausto

A música sempre desempenhou um papel central na cultura e na religiosidade judaica. Seus cânticos não foram terminados com o regime nazifascista, ainda que se tenha proibido a produção e reprodução de músicas em iídiche. Grupos, bandas e orquestras se formaram em guetos, campos de concentração e em centros de resistência, como acampamentos de *partisans*.

Algumas destas orquestras foram formadas pelos oficiais da *Schutzstaffel* (SS), com intenção de passar uma noção de civilidade mínima para eventuais visitantes e para a comunidade internacional. Em outros lugares, como o Campo de Auschwitz, as orquestras eram formadas para recepcionar novos prisioneiros que chegavam e eram levados às câmaras de gás, como forma de pacificar e humilhar as vítimas. Estes músicos eram duramente criticados por alguns de seus pares, ainda que o fizessem sob coerção e que este ato lhes tenha garantido uma sobrevivência.

Todavia, as músicas partiram, em muitos casos, das próprias minorias perseguidas e aprisionadas. Estas fulguravam de diversas formas, todas, direta ou indiretamente, dentro de um movimento

de resistência. Seja através de músicas que lamentassem suas dores, como o *Tango de Auschwitz*, de Margit Bachner, ou a canção de Aaron Libeskind, de 1942, que relata o sofrimento de ter que cremar seu filho infante, assassinado pelos nazistas em uma câmara de gás. Tais músicas, antes de apaziguar ou gerar uma apatia, humanizavam estas pessoas, lembrando de uma vida além daquela miserável imposta pelo Reich ou, ainda, prometendo um futuro em que seus algozes seriam derrotados. Como cantariam os prisioneiros no campo de Börgermoor, no hino *Die Moorsoldaten*: “Este inverno não será para sempre/ Um dia diremos felizes/ Lar você será meu outra vez” (LERNER, 2017).

Outra vertente proeminente era aquela que celebrava a resistência armada e o esforço dos *partisans*, com histórias sobre ataques bem-sucedidos ou hinos que juraram vingança aos nazistas, como é o caso de *Não diga jamais* e da canção *Judeu, o Partisan*, de Schemerke Kaczeringinski, que teve sua família assassinada e entoava:

O fascista vai tremer,
 Não se sabe de onde ou quando
 Tempestades surgirão do fundo da terra,
 [...] A palavra “vingança” tem um sentido
 Quando escrita com sangue
 Antes do anoitecer abençoado
 Conduziremos as batalhas
 /: Não, nós seremos
 O último dos moicanos
 A noite trará - o amanhecer
 O judeu - o partisan :/ (LERNER, 2017, p. 129).

Estas músicas estimulavam a moral daqueles que resistiam nos acampamentos e permitiam a prospecção de um futuro, uma razão e um objetivo pelo qual lutar.

Figura 2 - Letra transliterada e com partitura de “Zog Nit Keynmol” (*Não diga jamais* ou *Canção do Partisan*).

The image shows a piece of aged, yellowed paper with a musical score on the left and lyrics on the right. The title 'PARTIZANER' is written at the top. The music is in a 2/4 time signature with a key signature of one flat (B-flat). The tempo is marked 'Moderato'. The lyrics are in Yiddish, and a transliterated version is provided below. The paper has some creases and discoloration, suggesting it is an old document.

PARTIZANER

Zog nit keinmol az du geist dem letztn veg,
 Himlen blaiene farshteln bloie teg,
 Kumen vet doch undzer oisgebenkte sho,
 Es vet a poik ton undzer trot: mir zaiene do.
 Fun grinem palmen land biz land fun vaisr shnei,
 Mir kumen on mit undzer pain, mit undzer rei,
 Un vu gefaln iz a shpritz fun undzer lut,
 Shprotzn vet dort undzer gvure, undz mit
 Es vet di morgn zun bagildn undz dem hant,
 Un der nechtn vet farshvindn mitn faint,
 Un oib farzamen vet di zun un der kior,
 Vi a parol vet gein dos lid fun dor tzi dor.
 Dos lid geshribn iz mit blut un nit mit bla,
 Siz nit kain lidl fun a foigl oif der frai
 Dos hot a folk tz'vishn falndike vent,
 Dos lid gezungen mit naganen in di hent.
 To zog nit keinmol

Fonte: Acervo do Museu do Holocausto de Curitiba

A música é, em muitos casos, um ato de subversão por si só. Gêneros já populares na primeira metade do século XX, como o Jazz e o Tango, são exemplos disso. Estilos com forte influência negra, o primeiro, num contexto estadunidense, e o segundo, latino, figuravam aquilo que os nazistas consideravam vulgar e degenerado e, desta forma, sua composição e reprodução já poderiam ser consideradas subversivas. O Jazz é um gênero musical que foi fortemente atacado, pois, desde sua origem, foi feito para ser tocado e apreciado por setores menos abastados. Então, mesmo que não diretamente política, a música do Jazz é de protesto e rebelião. (HOBSBAWN, 1989). Como ato antifascista, durante a ocupação nazista em Paris, muitos jovens se vestiam com a moda advinda da cultura do Jazz, ou seja, coloridas e “berrantes”, e pediam por uma França com *swing*.

Tendo tudo isso em vista, é curioso notar que, apesar de fortemente rejeitada pelo regime nazista, por seu multiculturalismo e principalmente pelo caráter negro, os clubes de Jazz, muitos com músicos judeus, eram frequentados por vários oficiais da SS. O oficial nazista Dietrich Schulz-Koehn, por exemplo, era um ávido colecionador de discografias de Jazz, particularmente quando lotado na Paris ocupada, durante os anos 1940. Desta forma, é evidente o papel da música como expoente no esforço de resistência cultural e sua análise como fonte histórica para uma discussão que permita uma compreensão mais completa e, em certo grau, mais subjetiva de períodos históricos como o Holocausto.

Relações com a atualidade e com a vivência dos/as estudantes

Conforme exposto, as resistências são constituintes da realidade. Atualmente, o Brasil vive uma escalada no número de células neonazistas, reproduzindo ódio contra a população negra, mulheres, judeus, nordestinos, deficientes, moradores de rua, e reproduzindo ultranacionalismo e anticomunismo conspiracionista. Quem faz parte da “conspiração judaica internacional” hoje? “De 2015 a maio de 2021, células neonazistas saltaram de 75 para 530, segundo monitoramento feito pela antropóloga Adriana Dias, que pesquisa há duas décadas as atividades desses grupos no Brasil.” (MENA, 2021). A nível global, o secretário-geral da ONU, António Guterres, teve até mesmo de criar uma aliança global contra o crescimento e o alastramento do neonazismo.

A internet aparece como forma de difusão destes grupos e ideias. Além disso, o integralismo, que foi o maior propagador dos ideais fascistas no Brasil, mesmo em tamanho menor, segue existindo e colhendo adeptos dentro da juventude. Ademais, o negacionismo histórico ganhou forças (NAPOLITANO, 2021). É importante conhecer para não repetir. Posicionar-se a favor da humanidade, da pluralidade e do respeito e contra ideais favoráveis à destruição disso, à desigualdade e ao discurso de ódio. Além disso, opressão generalizada é exercida contra populações e minorias: o povo palestino vive sob situação análoga ao regime de *apartheid*; no Afeganistão, o fundamentalismo toma conta da vida da população; governos autoritários promovem a exclusão de determinados elementos da sociedade, dentre outras situações que necessitam de posicionamento por parte de todos os seres humanos. O educador e a educadora podem explorar diversos temas contemporâneos que, de alguma forma, se relacionam às relações de alteridade nazifascistas e às opressões que ocorreram no contexto do Holocausto, tendo por horizonte a discussão acerca da importância das resistências contra estes processos.

Isso permite evidenciar a agência histórica que todos os seres humanos possuem, superando a ideia de passividade dos sujeitos oprimidos e expandindo a noção de resistência. Demonstrando as formas de resistência cultural, como alternativa de resposta a regimes e situações opressivas, e

debatendo as várias formas sob as quais tal luta se apresentou pela História, sobretudo num contexto local brasileiro. A exemplo disso, pode-se citar o caso do *Samba de Malandro* no Estado Novo, ou as músicas de protesto contra a Ditadura Militar de 1964. É possível expandir a discussão até mesmo para formas contemporâneas de resistência, envolvendo movimentos periféricos, pautas de gênero ou sexualidade ou, ainda, acerca de situações de dominação e coerção direta.

Considerações finais

Os planos didáticos produzidos no exercício de 2021 do projeto de extensão *Ensino de História: diálogos e possibilidades* dão bases para que o/a educador/a que acessá-los possa construir as relações propostas em sala de aula. O ensino de História não se limita ao “conhecer” determinado período do passado, mas envolve mediar operações mentais que abrangem o diálogo entre percepções da realidade e elementos do campo da História que dão novos sentidos a estas percepções, a fim de colaborar para uma formação cidadã. Não é diferente quanto ao ensino do Holocausto. Conhecer aquele contexto e sua produção histórica, partindo de fontes que revelam a vida das pessoas “comuns”, que sofreram perseguições e resistiram, é um processo que dialoga com a observação da realidade em que nos inserimos e tem um potencial de formação para a cidadania.

Alguns resultados foram expostos no curso de extensão Ensino de História e História Local, realizado no período de 14/8/2021 a 6/11/2021 e promovido pelo Departamento de Teoria e Prática de Ensino da Universidade Federal do Paraná - UFPR, no qual educadores/as promoveram diálogos sobre experiências docentes no ensino básico. Docentes e discentes da academia apresentaram seus trabalhos, o que caracterizou um diálogo entre a universidade e a comunidade docente. Ademais, os planos didáticos publicados no *Dossiê Didático Ensino de História: ensino sobre o Holocausto* serão apresentados na 1ª Feira Literária do Museu do Holocausto, com data a ser definida. Portanto, os trabalhos do ano de 2021 caracterizaram uma atividade extensionista, cujos princípios são a interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; impacto na formação do estudante; e impacto e transformação social (FORPROEX, 2012). O produto final, constituído pelos planos didáticos, é direcionado à comunidade docente, visando, também, um impacto na comunidade escolar, notadamente, a partir de estudantes do 9º ano do ensino fundamental. As atividades do projeto seguem em continuidade, e já se vislumbra a importância de avaliar o impacto de suas produções. Isso poderá ser feito através de novos cursos que constituam uma contribuição para a formação continuada de docentes, assim como através da aplicação de questionários que permitam observar diferentes indicadores nas turmas em que os planos são aplicados.

Referências

- CAINELLI, Marlene; SANTOS, Flávio Batista dos. O Ensino de História Local na Formação da Consciência Histórica: um estudo com Alunos do Ensino Fundamental. *Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*. Curitiba, v. 9, n. 21, 2014.
- ATHAIDES, Rafael. A historiografia e as relações nazi-integralistas. *ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*. Fortaleza, 2009. p. 1-10.
- AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. *História do passado e presente III: do século XX aos dias de hoje*. São Paulo, Ática, 2018.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. (orgs.) *Dicionário de Política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2004, p. 1114-1116.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017, p. 428-429.
- DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo tropical? O Partido Nazista no Brasil* (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.
- FELLET, João. *A época em que o Brasil barrou milhares de judeus que fugiam do nazismo*. BBC News Brasil. São Paulo, 20 de Janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46899583>>. Acesso em: 2 ago. 2021.
- FORPROEX. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Porto Alegre: UFRGS, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FUX, Jacques; SANTOS, Darlan. Justos entre as Nações, brasileiros e portugueses. *Revista da Universidade de Aveiro - Letras*. Aveiro, n. 1, 2012, p. 131-150.
- GARCIA, Tânia Maria Braga; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Pesquisas em Educação Histórica: algumas experiências. *Educar em revista*. Curitiba, v. 22, 2006, p. 11-31.
- GONÇALVES, Nadia Gaiofatto (org.). *Dossiê Didático Ensino de História: ensino sobre o Holocausto*. Curitiba: UFPR, 2023. Disponível em: <https://educacao.ufpr.br/ensinodehistoria/wp-content/uploads/sites/15/2023/08/dossie-didatico-ensino-de-historia_comprimido.pdf>. Acesso em: 23 out. 2023.
- GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Produção de material didático para o ensino de História: uma experiência de formação. *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, v. 11, n. 34, set./dez. 2011, p. 933-949.
- GORTZ, Birgit. *1945: Libertação do campo de concentração Auschwitz-Birkenau*. DW Brasil. Janeiro de 2021. Disponível em <<https://p.dw.com/p/691B>>. Acesso em: 21 out. 2021.
- HOBSBAWM, Eric. *História social do Jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- LAQUEUR, Walter. *The Holocaust Encyclopedia*. Connecticut: Yale University Press, 2001.
- LARANJEIRA, Lucas. *O fugitivo de campo de concentração que lutou nos bosques contra os nazistas e inspirou único Museu do Holocausto no Brasil*. BBC. Curitiba, 23 de Setembro de 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41310817>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

LEAL, Bruno. *A repressão do regime nazista contra as Testemunhas de Jeová*. *Café História*, 19 de Março de 2012. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/testemunhas-de-jeova-contrao-nazismo/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

LERNER, Silvia Rosa Nossek. A arte produzida durante o Holocausto. *Revista do Instituto Judaico Marc Chagall*, v. 4, n. 1, jan./jun. 2012.

LERNER, Silvia Rosa Nossek. *A música como memória de um drama: o Holocausto*. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

LEWIN, Helena. Solidariedade em tempos sombrios: tributo aos “Justos entre as Nações”. *Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 3, n. 1, jan./jun. 2011, p. 19-31.

MENA, Fernanda. *Brasil vive escalada de grupos neonazistas e aumento de inquéritos de apologia de nazismo na PF*. Folha de São Paulo, 14 de Agosto de 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/brasil-vive-escalada-de-grupos-neonazistas-e-aumento-de-inqueritos-de-apologia-do-nazismo-na-pf.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

NAPOLITANO, Marcos. *Desafios para a História nas encruzilhadas da memória: entre traumas e tabus*. *História: Questões & Debates*. Curitiba, v. 68, n. 01, jan./jun. 2020. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/67794/40072>>. Acesso em: 13 mar. 2022.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *Novos combates pela História: desafios - ensino*. São Paulo: Contexto, 2021, p. 85-113.

OLIVEIRA, Denisson. *Para Entender a Segunda Guerra Mundial: Síntese Histórica*. Curitiba, Juruá, 2020, p. 9-64.

PAXTON, Robert. *A Anatomia do Fascismo*. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

RIBEIRO, Antonio Celso. “Amanhã fico triste, hoje não!” - A música judaica no cotidiano e no Holocausto. *Revista Guará*. Vitória, n. 7, 2017, p. 9-17.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Brasília: Editora UnB, 2001, p. 11-147.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*. Mariana, n. 2, 2009, p. 163-209.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. (orgs.) *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: EdUFPR, 2010, p. 23-40.

RÜSEN, Jörn. Formando a consciência histórica: para uma didática humanista da História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora et al. (orgs.) *Humanismo e didática da História*. Curitiba: W. A. Editores, 2015, p. 19-42.